

Sequência, Experiência e Sociabilidade na Galeria Progressiva: morfologia e neurociência aplicadas no entendimento do comportamento de visitantes em um espaço expositivo tipo.

RESUMO

A pesquisa é ancorada na teoria da sintaxe espacial - SE (HILLIER e HANSON, 1984; HILLIER, 1996; HANSON, 1998) com o objetivo de aferir em que medida o tipo de arranjo de espaço expositivo com disposição sequencial dos ambientes, denominado “galeria progressiva” (BENNET, 1995; SUTTON, 2000), interfere no comportamento espacial de visitantes. Para tanto, além de recursos da SE, propõe-se sua interface com a neurociência, especificamente quanto à função cognitiva da atenção em sujeitos. Três temas chave circundam a abordagem: relação entre arranjo espacial em galerias sequenciais e os padrões de exploração de visitantes, a inteligibilidade do leiaute e o funcionamento do museu enquanto espaço social. Centrando-se na galeria progressiva (GP), modo de organização espacial sedimentado no século XIX, o recorte empírico adota como estratégias principais a contextualização histórica, a análise morfológica e experimentações com modelos de GP, organizando-se nos seguintes procedimentos: enquadramento da GP na tradição da produção de museus sobretudo nos séculos XVIII e XIX; aferições sintáticas de configurações hipotéticas reduzidas, exemplares de museus do referido período e de dois casos de GP moderna reconhecidos na literatura, o Solomon R. Guggenheim Museum (1943-1959), projetado por Frank Lloyd Wright e o Museu do Crescimento Ilimitado (1939), por Le Corbusier e, finalmente, aferição e análise sintática de 54 modelos hipotéticos de GP e da medida de atenção de foco capturada em dez sujeitos enquanto experienciam algumas destas variações ambientadas virtualmente.